



CAPÍTULO 1

CONFIGURAÇÕES FAMILIARES E PARTICIPACÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

<< VOLTAR PARA O SUMÁRIO





O QUE A FAMÍLIA SIGNIFICA PARA OS JOVENS? QUAIS SÃO AS CONFIGURAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DE FAMÍLIA E COMO OS PAIS E RESPONSÁVEIS SE ENVOLVEM NA EDUCAÇÃO DOS ESTUDANTES? ANTES DE CRIAR ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO, É IMPORTANTE COMPREENDER A NATUREZA DAS RELAÇÕES ENTRE JOVENS, FAMÍLIA E ESCOLA.

A FAMÍLIA NA PERSPECTIVA DOS JOVENS

Um estudo de psicologia na periferia do Rio de Janeiro ouviu jovens de 13 a 22 anos sobre o papel da família em suas vidas. Diversos deles disseram que “a família é tudo” e alguns chegaram a apontar a mãe como melhor amiga. A relação, no entanto, nem sempre é harmoniosa: embora a família seja quase sempre um forte ponto de referência, a pesquisa revela que também é uma fonte de frustrações.

“ (CONTO COM) A FAMÍLIA, QUE ÀS VEZES NÃO APOIA ”

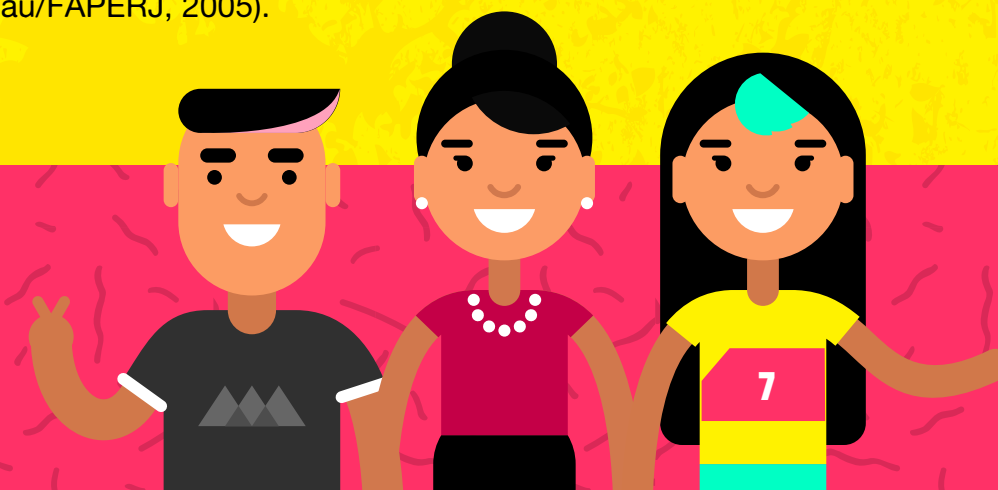
— Ligia, 18 anos —

Fonte: Pesquisa "Juventude e família: expectativas, ideais e suas repercussões sociais", de Hebe Signorini Gonçalves e Luciana Gageiro Coutinho, em Estudos e Pesquisas em Psicologia 8.3 (2008).

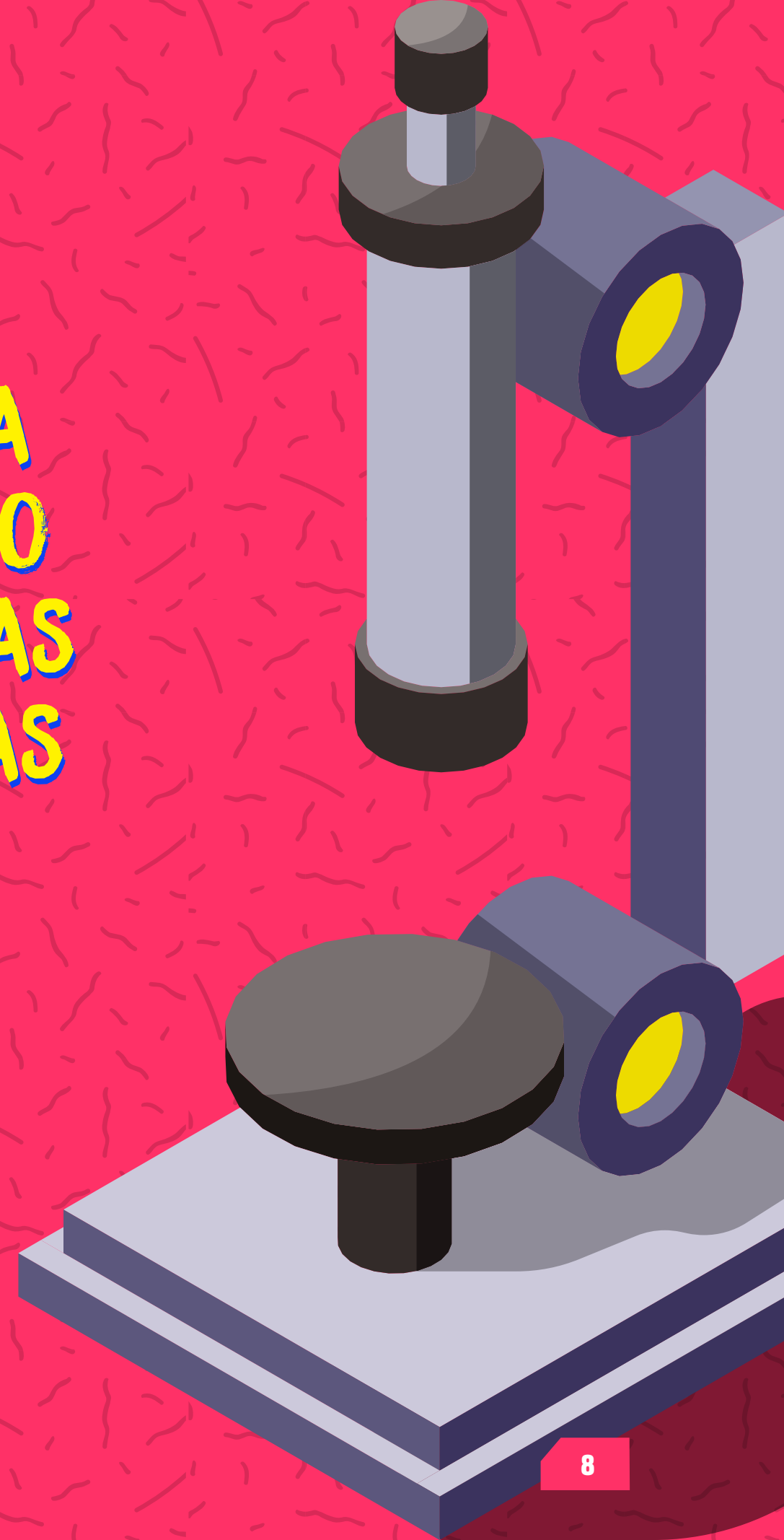
A FAMÍLIA NO LUGAR IDEAL

Para os jovens brasileiros, a família não representa apenas a dependência material, mas principalmente um ponto de apoio no caso de dificuldades e de planejar projetos futuros, assim como uma referência em relação a valores. Nesse sentido, o debate da atual desinstitucionalização da juventude no Brasil não pode ser desvinculado das aspirações dos jovens pobres, considerando seus laços familiares e sua escolaridade. Trata-se de uma questão complexa, como tantas outras próprias à sociedade brasileira, em que o moderno e o tradicional coexistem. Como observa Sposito (2005), no Brasil, mesmo ao falar de juventude contemporânea, somos obrigados a discutir o que há de mais tradicional na modernidade: família, trabalho e escola.

*Ver também os estudos: “Retratos da juventude brasileira”, organizado por H. W. Abramo e P. P. M. Branco (Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005. pp. 9-22 e 37-72); “Mostrando a real: um retrato da juventude pobre no Rio de Janeiro” (Nau/FAPERJ, 2005).



OS AVANÇOS NA MEDICINA, AS REESTRUTURAÇÕES DA LEGISLAÇÃO E A QUEBRA DE MUITOS PRECONCEITOS SÃO ELEMENTOS QUE VÊM MOTIVANDO NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES. MUDANÇAS NA FAMÍLIA BRASILEIRA PODEM SER VERIFICADAS PELO CENSO DO IBGE.



OS DADOS DO CENSO 2010 REVELAM NOVAS CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS

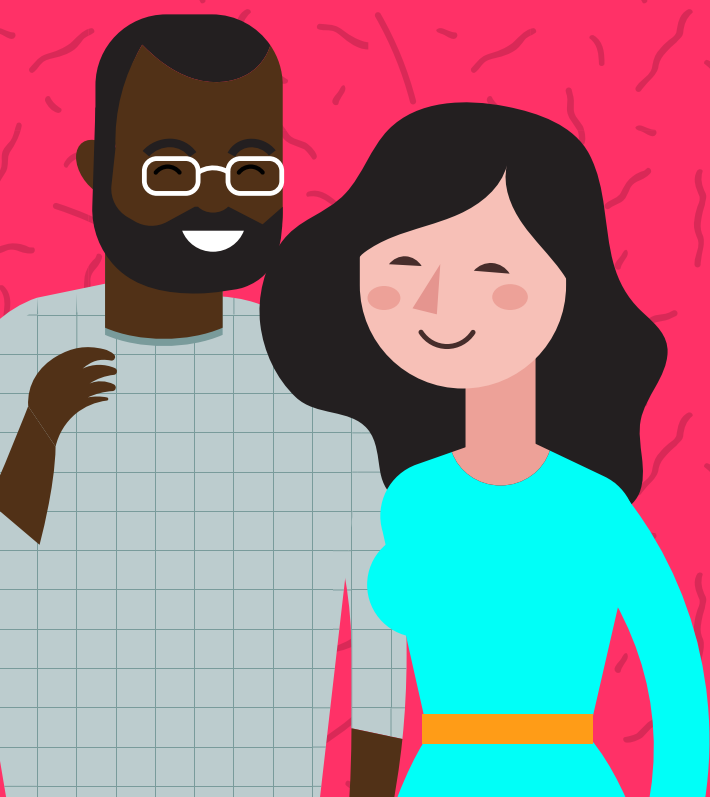


MAIS UNIÕES CONSENSUAIS

Pouco mais de um terço dos brasileiros que vivem algum tipo de união conjugal não formalizou o casamento no civil nem no religioso. A chamada união consensual foi a única que teve crescimento na década, passando de **28,6%** para **36,4%**.

A proporção de pessoas casadas no civil e no religioso, no mesmo período, caiu de

**49,4% PARA
42,9%
NA DÉCADA**



MAIS DIVÓRCIOS

O número de divorciados quase dobrou em 10 anos, passando de **1,7%** da população para **3,1%**.

FAMÍLIAS RECONSTITUÍDAS

Do total de **27,4 milhões** de casais com filhos, um sexto (**16,3%**) vive com enteados, além de filhos, ou só com enteados. Esses casais formam o que o IBGE chama de “**famílias reconstituídas**”.

OS CASADOS
CAÍRAM DE

**37% PARA
34,8%**

MAIS CASAIS SEM FILHOS

Com as mulheres tendo menos filhos e mais tarde, houve um aumento das famílias formadas por casais sem filhos, que passaram de **15%** para **20,2%**. Mas o arranjo familiar mais comum continua a ser o de casais com filhos: **55%**. Eram...

63,6%
EM 2000



MAIS RENDA COMPARTILHADA

Por causa da maior inserção da mulher no mercado de trabalho, cresce a proporção de casais em que os dois cônjuges têm renda. Em **2010**, **62,7%** dos casais tinham renda do marido e da mulher. Eram...

41,9%
EM 2000

MAIS MULHERES CHEFIAM FAMÍLIAS

O percentual de famílias chefiadas por mulheres (reconhecidas como responsáveis pela casa) no país passou de **22,2%** para

37,3%
ENTRE 2000
E 2010



MESMO NÍVEL ESCOLAR

Os dados mostram, também, que homens e mulheres tendem cada vez mais a se unir a pessoas do mesmo nível educacional. Em **2010**, **68,2%** dos casais tinham o mesmo nível de instrução.

EM 2000,
ERAM 65%

FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS

As famílias homoafetivas já representam **60 mil** e são oficializadas do ponto de vista legal, sendo que as mulheres representam **53,8%** dos lares nesse arranjo familiar.

MULHERES CASANDO MAIS TARDE

Houve o crescimento da taxa de nupcialidade no grupo feminino da faixa etária entre os **30 e 34** anos, passando de **11,5%** em **2000** para **20,2%** em **2010**. Os números deixam evidente o aumento da idade média das mulheres ao casar.

MULHERES MAIS VELHAS QUE HOMENS

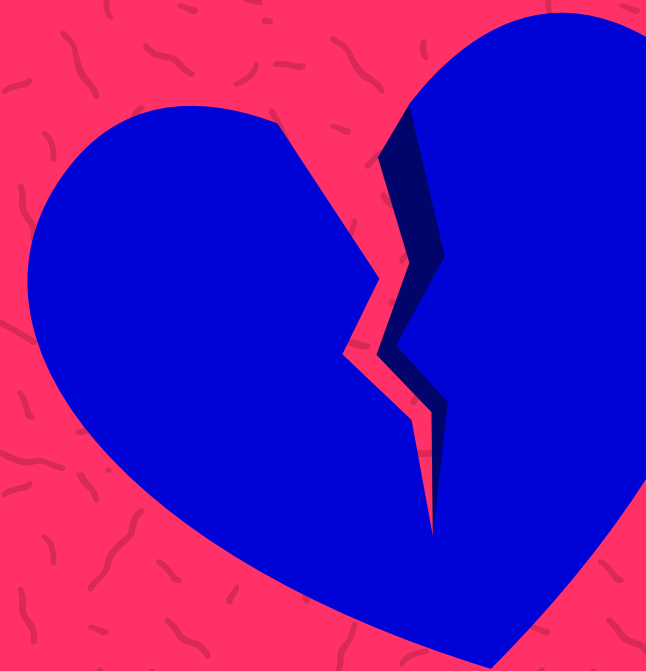
A proporção de casamentos em que a mulher tem idade maior que a do homem é crescente, passando de **20,7%** em **2000** para **24,0%** em **2010**, dado registrado pelo instituto em todas as grandes regiões do país.



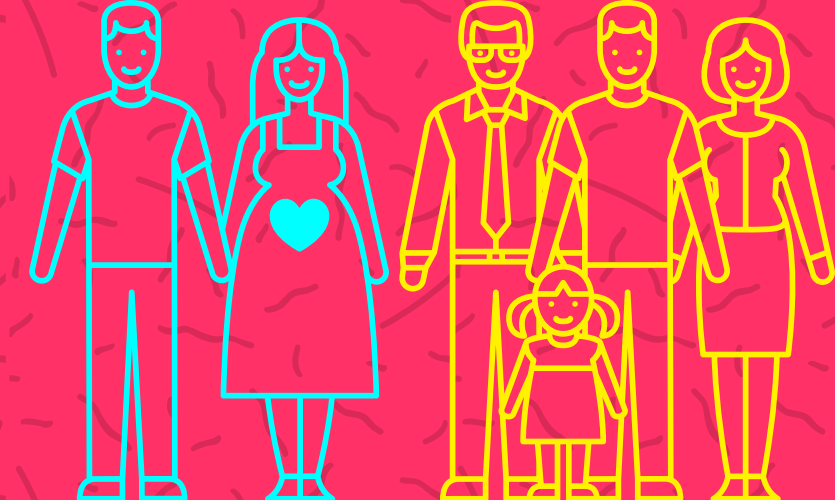
DIVÓRCIOS MAIS RÁPIDOS

O tempo médio transcorrido entre o casamento e o divórcio, que era de 17 anos em 2007, passou para

15 ANOS EM 2010



ARRANJOS FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS



Nuclear simples:
mãe + pai
+ filhos dos
mesmos pais

**Monoparental
simples:** mãe ou
pai + filhos

**Monoparental
extensa:** mãe ou
pai + filhos +
adulto sem filhos

Nuclear extensa: mãe
+ pai + filhos +
outros adultos

Família convivente:
famílias que
moram juntas

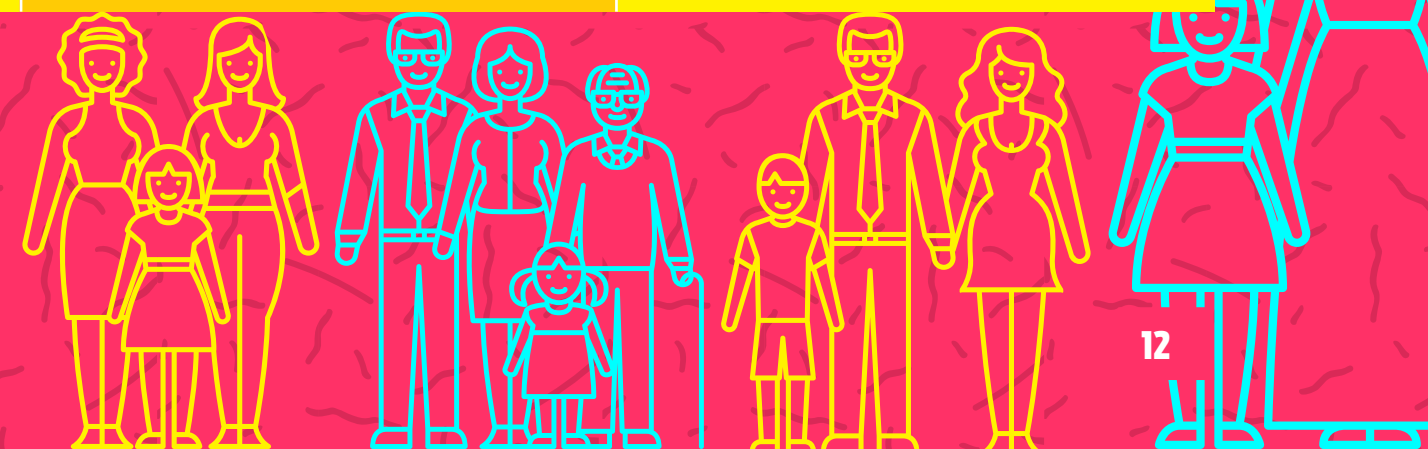
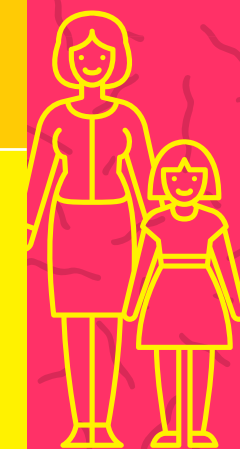
**Família nuclear
reconstituída:** mãe
ou pai + padrasto
ou madrasta +
filhos de um dos 2
(pode haver outros
adultos no lar)

**Família de
genitores ausentes:**
responsáveis (que
não mãe ou pai) +
menores

**Família nuclear com
crianças agregadas:** mãe
+ pai + filhos +
outros menores sob
sua responsabilidade

Família colateral:
irmãos de
diferentes idades

Família homoparental:
mãe + mãe + filhos
ou pai + pai + filhos



ENTREVISTA COM MARIA ALICE NOGUEIRA, GESTORA DE DEPARTAMENTO SOBRE ESCOLA E FAMÍLIA DA UFMG (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS)

A biparentalidade pode ser favorável pelo fato de o filho estar sob atenção de dois adultos, que podem dividir entre si responsabilidades, tempo e até mesmo custos.

Na monoparentalidade, quando o filho fica sob cuidado de uma só pessoa, aumentam as chances de sobrecarga e menos tempo para cuidar do filho.

Analisando diferenças de cuidado entre mãe e pai, mães tendem a cuidar do dia a dia do filho (alimentação, horários, tarefas...) e pais, a participar em momentos decisivos.

Adolescentes de classes populares ficam autônomos mais precocemente. Os pais tendem a saber menos sobre a relação dos filhos com a escola quando estes ficam mais velhos. As crianças, por serem mais dependentes, levam os pais a saberem mais sobre essa relação.

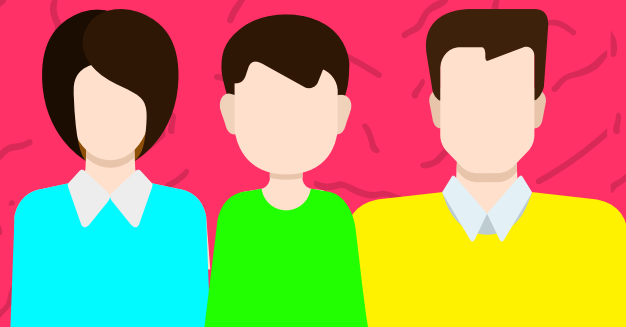
Observa-se um conjunto de práticas de acompanhamento escolar pelas mães. Elas parecem ser possíveis, porém, apenas ao longo dos anos iniciais do ensino fundamental. Isto ocorre porque, à medida que avançam para o ensino médio, os jovens começam a adquirir maior independência, o que restringe as possibilidades de controle materno.

CONFIGURAÇÕES FAMILIARES DIVERSAS

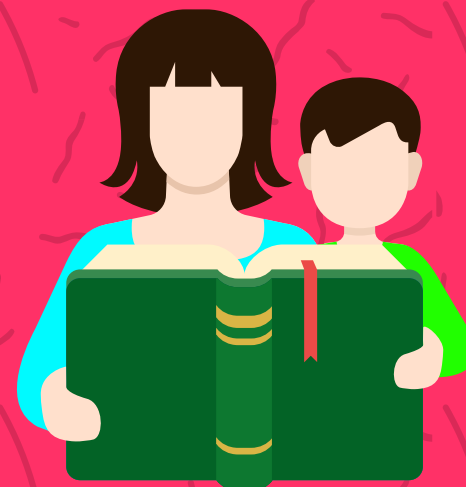
A variedade da configuração familiar faz com que exista uma grande diversidade em relação a quem pode se tornar responsável pelo acompanhamento da vida escolar do estudante.

CONFIGURAÇÃO FAMILIAR:

Pessoas diversas



Acompanhamento da vida escolar do jovem: papel que alguma dessas pessoas pode assumir...



ou que ninguém assume, deixando o jovem sem um adulto que acompanhe sua educação escolar



A pesquisa “atitudes pela educação” buscou entender a relação e a participação da família na vida escolar de crianças, adolescentes e jovens. A partir do cruzamento entre essas duas variáveis, classificou os pais ou responsáveis em cinco perfis:

1. COMPROMETIDOS

No total, apenas 12% dos entrevistados foram classificados como "comprometidos", por demonstrarem grande responsabilidade familiar em relação à vida escolar do estudante, além de participarem de atividades na escola com maior assiduidade.

2. ENVOLVIDOS

Entre os "envolvidos", ficaram 25% da amostra. Eles se destacam por acompanhar a rotina escolar dos filhos, porém, os ambientes familiares que construíram não são muito propícios ao diálogo.

*A pesquisa foi promovida a partir de uma parceria entre o Todos Pela Educação, Fundação Roberto Marinho, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Fundação Itaú Social, Instituto Unibanco e Instituto C&A, com re- alização do Instituto Paulo Montenegro e do IBOPE Inteligência. Para dar conta do mapeamento de atitudes e comportamento dos pais em relação à vida escolar de crianças e jovens entre 4 e 17 anos, a pesquisa ouviu 2.002 responsáveis de diversas partes do país, incluindo áreas urbanas e rurais. Nesse universo, foram consideradas famílias de alunos da rede pública e privada de ensino, da educação infantil ao ensino médio.

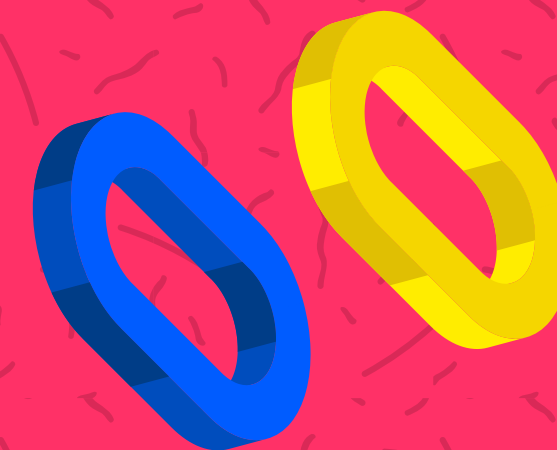
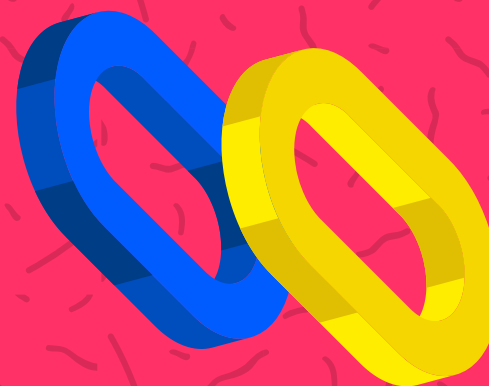


3. VINCULADOS

A maior parte dos responsáveis foi classificada no grupo dos "vinculados", somando 27% dos entrevistados. Os indivíduos com esse perfil, embora mantenham diálogo frequente e tenham um bom relacionamento familiar, admitem não acompanhar tanto a rotina escolar do estudante, nem dialogar sobre o seu projeto de vida.

4. INTERMEDIÁRIOS

O grupo familiar cujas respostas, tanto em relação ao vínculo quanto à valorização, ficaram equilibradas foi classificado como "intermediário" (17% dos entrevistados). Entre eles, 70% disseram conferir a lição de casa, enquanto 67% afirmaram abrir espaços para o jovem conte coisas ruins que aconteceram na escola.



5. DISTANTES

Por fim, o grupo que apresentou pouca participação no ambiente escolar e afirmou abrir pouco espaço para o diálogo foi classificado como os "distantes", equivalendo a 19% da amostra.

INTERAÇÃO (IN.TE.RA.ÇÃO) S.F. 1. Atividade ou trabalho compartilhado, em que há trocas e influências recíprocas e 2. Comunicação entre pessoas que convivem; diálogo, trato, contato (Fonte: Dicionário Houaiss)



- Falar em interação escola-família é discutir reciprocidade e influência mútua, considerando as especificidades e mesmo as assimetrias existentes nessa relação.
- Essas assimetrias estão vinculadas às diferentes responsabilidades que a família e o Estado têm em relação à educação escolar dos jovens. Para assegurar a oferta de educação escolar, o Estado institui um sistema de ensino operado por profissionais especializados, encarregados de transmitir saberes socialmente validados. A família, por sua vez, desempenha seu papel educacional a partir de um contexto sociocultural específico.
- Reconhecer essa diferença é fundamental para a interação: o desafio é produzir a partir disso complementaridade, e não exclusão ou superposição de papéis.
- A ordem escolhida para descrever essa relação faz toda a diferença: escola-família e não família-escola. Assumimos assim que a aproximação com as famílias é parte do trabalho escolar, uma vez que as condições familiares estão presentes de forma latente ou manifesta na relação professor-aluno e constituem chaves de compreensão importantes para o planejamento da ação pedagógica.



- É preciso inserir a interação escola-família em um processo, de forma a estabelecer horizontes de curto, médio e longo prazos. Em um primeiro momento faz-se o conhecimento mútuo. Em seguida, vêm as negociações das responsabilidades específicas sobre a educação das crianças e, por fim, na última etapa, são construídos espaços de corresponsabilidade – abertos também à participação de outros atores importantes no processo de educação dos estudantes.
- Geralmente o processo escola-família é desencadeado sem os devidos e desejáveis cuidados: é muito comum, por exemplo, os sistemas de ensino e escolas partirem direto para a negociação/cobrança de responsabilidades das famílias, antes mesmo de compreenderem as condições dos diversos grupos de familiares dos jovens. Ao suprimir a etapa inicial, os projetos de aproximação podem gerar mais desencontros. Por essa razão, enfatizamos o movimento inicial de aproximação para (re)conhecimento mútuo, tendo em mente que ele deve ser apenas o início de uma longa relação.

QUESTIONÁRIO PARA AS EQUIPES GESTORAS DE ESCOLAS E SISTEMAS DE ENSINO

Antes de criar estratégias de aproximação com as famílias, é importante que as escolas se façam algumas perguntas para esclarecer objetivos e rotas a serem traçadas.

- **POR QUE CHAMAR AS FAMÍLIAS À ESCOLA? • QUANDO E POR QUE IR ÀS FAMÍLIAS?**
- **NOS ENCONTROS PROGRAMADOS PELOS EDUCADORES, OS FAMILIARES TÊM OPORTUNIDADES PARA FALAR O QUE PENSAM?**
- **AS SITUAÇÕES DE INTERAÇÃO CONTRIBUEM REALMENTE PARA APROXIMAR ESCOLA E FAMÍLIAS, OU ACABAM AUMENTANDO AS DISTÂNCIAS SOCIAIS E CULTURAIS ENTRE ELAS?**
- **A ESCOLA ESTÁ ABERTA PARA CONHECER E RESPEITAR A CULTURA, A ORGANIZAÇÃO E OS SABERES DOS GRUPOS FAMILIARES, INCLUSIVE DOS MAIS DISTANCIADOS DO PADRÃO TRADICIONAL?**
- **OS FAMILIARES TÊM MESMO PODER DE INTERFERÊNCIA NOS CONSELHOS, ASSEMBLEIAS, COLEGIADOS? • A ESCOLA UTILIZA O CONHECIMENTO MAIS ACURADO QUE TEM AO SE APROXIMAR DAS FAMÍLIAS PARA SE PLANEJAR, REVER SUAS PRÁTICAS E FORMAS DE SE RELACIONAR COM OS ESTUDANTES? • QUANDO A ESCOLA SE APROXIMA DAS FAMÍLIAS E PERCEBE SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE SOCIAL, ELA CONSEGUE CONVOCAR NOVOS ATORES PARA ENCAMINHAR OS APOÍOS NECESSÁRIOS?**

A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO SOCIAL

A Unesco e o MEC recomendam uma abordagem escolar que relacione educação e contexto social. Sempre com foco nos processos de ensino-aprendizagem/desenvolvimento, a conexão professor-aluno deve ser observada em uma perspectiva ampliada, que considere a cadeia de relações por trás e entre esses dois atores, conforme sugere o esquema a seguir.



TIPOS DE PROPOSTA DE INTERAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA



Para ajudar a compreender distintas propostas de organização para a relação escola-família, podemos pensar em quatro diferentes focos: Educar as famílias; Abrir a escola para a participação familiar; Interagir com a família em busca de melhores resultados educacionais; e Incluir o aluno e seu contexto. Cada proposta possui objetivos, estratégias e resultados diferentes, como podemos ver no quadro:

FOCO	OBJETIVO	ESTRATÉGIAS	RESULTADOS
Educar as famílias	<p>Estabelecer espaço permanente de reflexão e construção sobre a importância da escola e da família na vida dos alunos.</p> <p>Conscientizar os responsáveis sobre seus papéis na educação dos filhos.</p> <p>Apresentar a proposta da escola.</p>	<p>Convite às famílias para assistirem a reuniões, palestras e festas na escola.</p> <p>Organização de encontros temáticos para ensinar às famílias como lidar com seus filhos.</p>	<p>Famíliares frequentando a escola com mais assiduidade.</p> <p>Aumento da informação dos responsáveis em relação a diversos assuntos que tocam a vida familiar.</p> <p>Maior informação sobre a proposta e as regras da escola.</p>
Abrir a escola para participação familiar	<p>Fortalecer as condições para que as famílias participem da gestão da escola.</p> <p>Construir relação de colaboração das famílias no ambiente escolar, por meio do envolvimento voluntário dos responsáveis, em atividades da escola.</p>	<p>Valorização da atuação dos representantes dos familiares nos conselhos escolares e outras instâncias deliberativas da escola.</p> <p>Envolvimento dos responsáveis em atividades para arrecadar recursos a serem aplicados na escola.</p> <p>Autorização de uso do espaço escolar para atividades de interesse da comunidade.</p>	<p>Maior participação (quantidade e qualidade) dos responsáveis nas decisões pedagógicas da escola.</p> <p>Maior participação dos familiares e comunidade nos projetos da escola.</p> <p>Maior entrosamento entre pais e professores com conseqüente fortalecimento da comunidade escolar.</p>



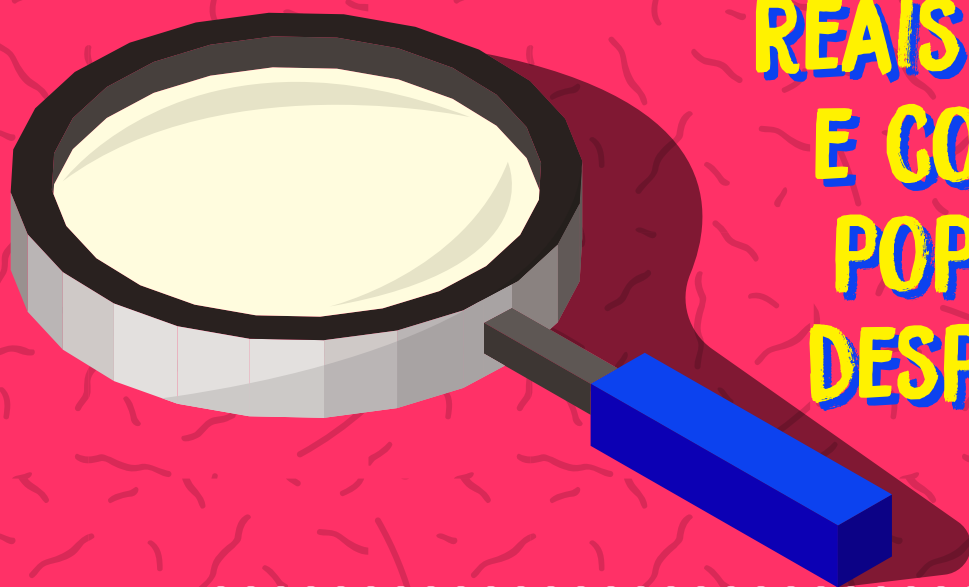


FOCO	OBJETIVO	ESTRATÉGIAS	RESULTADOS
Interagir com a família para melhorar os indicadores educacionais	<p>Reduzir as taxas de abandono e repetência dos alunos.</p> <p>Reduzir os episódios de indisciplina dos alunos.</p> <p>Conscientizar os familiares da importância de seu envolvimento para o sucesso escolar do aluno.</p>	<p>Reuniões envolvendo pais, professores e gestores educacionais focadas na aprendizagem dos alunos.</p> <p>Discussão sobre os direitos e deveres dos responsáveis em relação à escolaridade dos filhos.</p> <p>Busca conhecer melhor a organização e condição das famílias – questionários e visitas domiciliares.</p> <p>Articulação com conselho tutelar para cuidar de casos de infrequência e evasão.</p>	<p>Maior clareza sobre os papéis familiares e escolares no apoio à vida escolar do aluno.</p> <p>Maior credibilidade do trabalho da escola pela comunidade escolar e de entorno.</p> <p>Melhora do índice de frequência e participação dos alunos na escola.</p> <p>Organização de serviços de apoio escolar aos alunos.</p>
Incluir o aluno e seu contexto	<p>Garantir aos alunos o direito a educação de qualidade e a salvo de toda forma de negligência e de discriminação.</p> <p>Promover ensino de qualidade, envolvendo a família no processo educativo.</p>	<p>Participação da rede de proteção social para ajudar no encaminhamento de problemas familiares dos alunos.</p> <p>Educadores são preparados para conhecer melhor as condições de vida de seus alunos por meio de uma aproximação da família (visita, questionário, entrevistas etc.).</p> <p>As práticas pedagógicas e de gestão escolar são revistas em reuniões periódicas que incluem o conhecimento adquirido sobre o contexto dos alunos.</p>	<p>Alunos, independente da condição familiar, com melhores condições de aprendizagem e proteção social.</p> <p>Políticas sociais mais coordenadas.</p> <p>Identificação de políticas necessárias e ainda inexistentes naquele território.</p> <p>Práticas pedagógicas e de gestão enriquecidas.</p>



PUBLICAÇÃO “FAMÍLIA, ESCOLA, TERRITÓRIO VULNERÁVEL”

“ DIFERENTES INVESTIGAÇÕES, INTERNACIONAIS E NACIONAIS, DEMONSTRAM, DESDE OS ANOS 1990, QUE A ‘OMISSÃO’ OU ‘INDIFERENÇA’ DOS PAIS DAS CAMADAS POPULARES EM RELAÇÃO À ESCOLA É UM MITO. SEGUNDO ESSAS INVESTIGAÇÕES, DE FATO, OS AGENTES ESCOLARES, SOBRETUDO OS PROFESSORES, ENFRENTAM REAIS DIFICULDADES COM A AMPLIAÇÃO DO ACESSO E COM O INGRESSO DE CRIANÇAS DAS CAMADAS POPULARES NA ESCOLA, POIS ESTÃO, EM GERAL, DESPREPARADOS PARA LIDAR COM ESSE PÚBLICO. ”



Fonte: Publicação "Família, escola, território vulnerável", fruto do estudo "Esforços educativos de mães num território de alta vulnerabilidade social", produzido no âmbito da pesquisa Educação em Territórios de Alta Vulnerabilidade Social, iniciativa da Fundação Tide Setubal, coordenada pelo Cenpec.

PUBLICAÇÃO “FAMÍLIA, ESCOLA, TERRITÓRIO VULNERÁVEL”

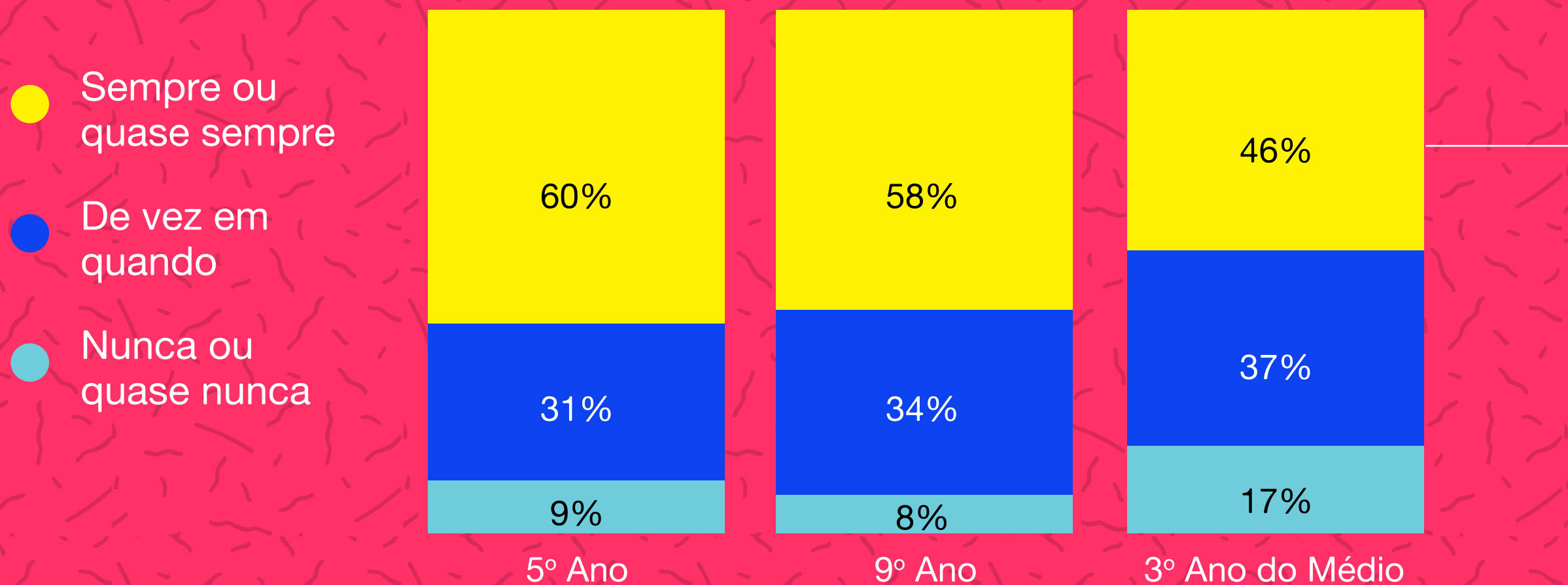
A grande maioria dos jovens escutados justificou a baixa escolaridade dos pais pelas dificuldades de acesso à escola e pela pobreza. Essa realidade reforçaria o discurso da maioria dos pais sobre a importância dos filhos continuarem os estudos, para não terem uma vida de dificuldades como a deles, enfatizando uma relação direta entre a escola e o mercado de trabalho.

“ A MINHA MÃE ME CRITICOU BASTANTE QUANDO EU SAÍ DA ESCOLA, PORQUE PARA ELA O ESTUDO É TUDO. PORQUE MINHA MÃE NÃO TEVE ESTUDO, ELA VEIO LÁ DE PERNAMBUCO MESMO. TRABALHA DE FAXINEIRA. ”



Ao todo, 250 adolescentes participaram do estudo durante a realização de 25 grupos focais e de 51 entrevistas em profundidade, nas cidades de Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Belém (PA), Fortaleza (CE), São Paulo (SP) e Santana do Riacho (MG) entre outubro e dezembro de 2012 e entre maio e novembro de 2013.

Especificamente no Ensino Médio, o Boletim Aprendizagem em Foco, do Instituto Unibanco, mostrou que a maior parte dos pais de estudantes nesse ciclo de ensino frequentam a escola “de vez em quando” ou “nunca ou quase nunca”. Nesse período, a família fica ainda mais distante da escola do que nos anos finais do Ensino Fundamental, em que a participação nas atividades escolares já diminui em relação às etapas anteriores.



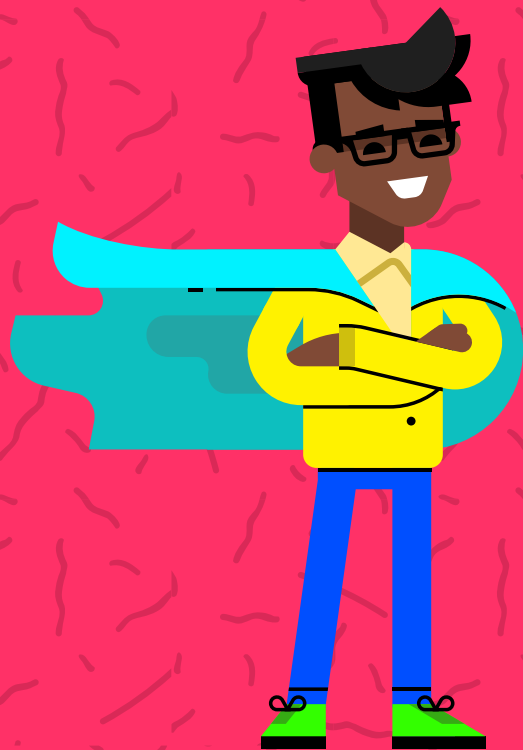
QUEDA NO ENGAJAMENTO

Do 9º ano do Ensino Fundamental para o 3º ano do Ensino Médio, diminui a proporção de pais ou responsáveis que vão com frequência a reuniões na escola

Fonte: “O que fazer para aproximar Família e Escola?”, no Boletim Aprendizagem em Foco, em <http://bit.ly/aproximar-familia-escola> (2016).

AUTONOMIA JUVENIL E SUPORTE FAMILIAR

Na fase em que cursam o Ensino Médio, os jovens têm mais autonomia do que nos anos anteriores – ainda assim, referências, apoio e orientações dos familiares são essenciais para a sua vida. Além das famílias nem sempre entenderem que esse suporte é necessário, muitas vezes os próprios jovens demandam mais espaço, o que pode gerar um afastamento da família em relação à escola.



O material do Programa Coordenadores de Pais, da Fundação Itaú Social, esclarece que o papel da família não é menos importante durante o Ensino Médio, como muitos acreditam. O que acontece é que as formas de apoiar e orientar o estudante devem ser adaptadas a cada fase de desenvolvimento – ou seja, as estratégias mudam, mas o suporte familiar continua sendo fundamental.

Fontes: “Apoio da Família impulsiona jovem a seguir seu projeto de vida no ensino médio”, no Portal Porvir, em <http://bit.ly/familia-projeto-vida> (2016); “O que fazer para aproximar Família e Escola?”, no Boletim Aprendizagem em Foco, em <http://bit.ly/aproximar-familia-escola> (2016); “Guia de Implementação e Monitoramento”, do Programa Coordenadores de Pais, em <http://bit.ly/coordenadores-pais> (2016).

EM RESUMO

- Para os jovens, a família “é tudo”.
- A relação entre escola e família deve ser de mutualidade e corresponsabilidade.
- A configuração das famílias mudou muito, e com ela a forma como o jovem se coloca no mundo.
- O acompanhamento da vida escolar deve ser assumido por ao menos uma das pessoas da família.
- Embora os jovens sejam mais autônomos, precisam também do suporte e da presença familiar.

